



TRIBUNA Livre

3
MAIO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

REFECA DELEGADO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

BALUARTES MEDIEVAIS

Por DOMINGOS M. DA SILVA

O espectro sombrio da guerra acompanha a pobre humanidade desde o seu berço.

Movido de criminosa inveja Caim logo fez correr o sangue fraterno na pessoa de seu irmão Abel.

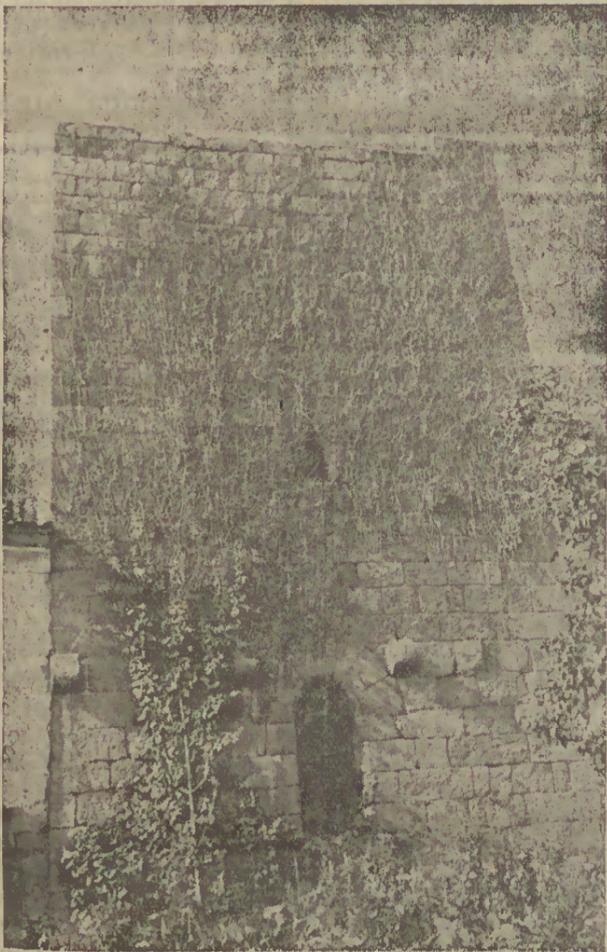
Nos tempos patriarcais, as regiões férteis e os montes e os campos abundantes de pastagens cobijadas para fartos rebanhos, touxeram as primeiras gentes numa vertigem de constantes perseguições e conquistas, na demanda das melhores possessões da terra.

As primitivas armas, de pau ou de pedra, foram ganhando em perfeição à medida que as experiências guerreiras foram

jelos que espalhavam pelos campos e searas, sobre as populações indefesas, o incêndio, a devastação e a guerra.

Torres e fortalezas, como a que a gravura representa, levantaram-se então no centro dos povoados e no meio dos campos, para que à sua sombra e de tantos e tantos mosteiros, de alguns dos quais ainda existe triste memória, se acolhessem as populações, os obreiros da terra.

E, uma vez que a supremacia da causa cristã foi um facto consumado, então a caminho do sul, saíram delas com sua gente de armas, esses valentes guerreiros a conquistar vilas e



Torre do Outeiro (Solar de Dornelas-Francos)

rasgando novos horisontes e deixando atrás de si cada vez maior rasto de sangue e de lágrimas.

Muito embora tenha mudado de aspecto e rumo, no decurso dos tempos, a natureza dos objectivos militares e o centro das suas operações, a Terra foi e será sempre o maior preço por que se paga o enorme custo das batalhas.

As razias e cavalarias de fossado, vindas de assalto de território inimigo, apontam-se ainda na alta idade média como dos mais assustadores fla-

cidas, a circundá-las de muralhas, a guarnecê-las de castelos fortes e altivos.

A região de Entre-Minho e Douro foi o mais vasto campo entrincheirado destes nobilíssimos e gloriosos padrões militares medievais.

De muitos só resta o simples vestígio no lugar a que deu os nomes de paço e torre.

São dignas de todo o respeito e conservação, pelas recordações históricas que se lhe prendem, estas venerandas reliquias do passado.

MENSAGEM DE SALAZAR AO MUNDO PORTUGUÊS

«Eu devia fugir, quando de todo as não pudesse evitar, a todas as manifestações com que a bondade dos Portugueses quisesse celebrar os meus trinta anos de Governo, discutíveis apesar de tudo, menos no doloroso esforço dispendido através de tão longa caminhada. Mas uma coisa não desejava fazer, e essa era não receber pessoalmente as mensagens dos portugueses do Brasil e as de que são portadores quantos vieram das províncias Ultramarinas com uma palavra de aplauso ou de carinho. A recepção que houve a intenção de dar especial valor aos sacrifícios e às dificuldades da distância, porque o portuguêsismo de todos não tinha de ser louvado nem agradecido. Existe — eis tudo.»

Temos várias vezes afirmado constituirmos vasta família de povos, cujas ligações afectivas, criadas em séculos de história, e cujos vínculos de parentesco espiritual se revelam como elementos de coesão e base de comunidade política, mais sólidos que os interesses económicos, a força e todos aqueles elementos à sombra dos quais se estão, afinal, levantando uns contra os outros, os homens e os povos. Mantemos, porque cultivamos, uma fraterni.

(Continua na 2.ª página)

SANTO ANTÓNIO E A FIDALGA TERRA DE AMARES

Por EME

A FESTIVIDADE EM HONRA DE SANTO ANTÓNIO, que se realiza em Amares (Feira Nova), não é um acontecimento banal, porque representa, senão a maior do País ao Grande Taumaturgo, um dos mais importantes festejos portugueses, fruto do brio bairrista da progressiva Feira Nova.

Deste risonho recanto minhoto diz-se na Monografia do Concelho de Amares, pela pena do seu conceituado Autor: «Está situada quase em planície; no entanto, disfruta de amplos e belos horizontes.

Conquistaram fama de serem geralmente muito formosas as mulheres desta freguesia, decerto por saberem melhor que noutras partes cuidar de seus arranjos e atavios.

Mais conhecida por Feira Nova, desde que o mais importante e concorrido mercado concelhio aqui se fixou definitivamente; com a sua privilegiada situação, relativamente a todas as terras de Entre-Homem e Cávado, com o seu vasto terreiro no ponto crucial de toda a rede de comunicações como vem a denunciar-se de remotos tempos, a Feira Nova é, sem dúvida, já hoje o centro vital da região e os seus destinos estão postos em mãos de uma população unida e compreensiva, enérgica e bairrista, e que não ignora nem despreza essas naturais vantagens do seu engrandecimento a breve prazo».

Este é o segredo que tem feito das Festas a Santo António, uma realidade viva do engrandecimento de Amares e um exemplar centro de devoção ao Maior dos Santos Portugueses, que o povo venera e distingue muito particularmente.

A fidalga terra de Amares, que pode orgulhar-se pelos seus velhos e nobres pergaminhos e pelas belezas naturais de que é pródigoamente bafejada, se em qualquer altura constitui um primoroso cartaz turístico, durante as Celebrações Antoninas merece uma visita pela sedução, pelo encanto, pela desenvoltura e altivo porte, que ostenta em seus trajes de gala, realçados ainda pela sua franca hospitalidade.

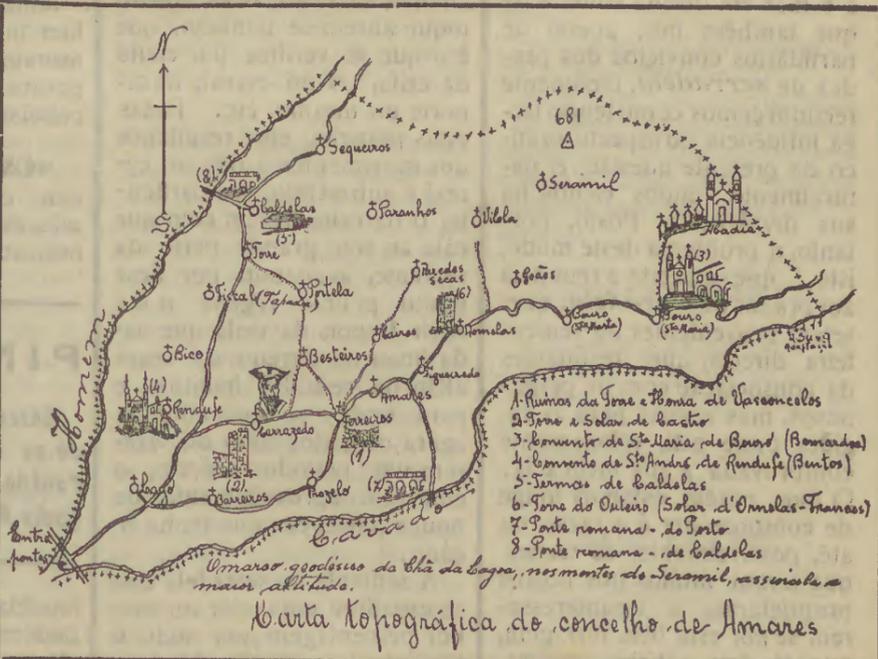
Os importantes monumentos e inúmeros locais históricos que possui, são joias muito preciosas engastadas em diadema de nobre fidalga; homens como Sá de Miranda, Marquês de Montebelo, Condes da Figueira e nobreza dos Vasconcelos, são, entre muitos outros, pagens desta bela dama de porte senhoril, que se chama Amares.

«...as torres de Dornelas, Assamaça, Castro, Soutelo, Penagate, Azevedo... dentro e fora dos limites de Entre-Homem e Cávado, são ramificações de Vasconcelos (desta freguesia) numa vasta projecção que alcança os melhores solares de Portugal e da Espanha, chegando a alcançar os próprios troncos».

A nobreza de Amares é indiscutível; os seus dotes naturais inultrapassáveis!

No próximo número será publicado o programa geral das Festas Antoninas de Amares

Visite Amares e seus monumentos, nos dias 13 a 15 de Junho



TRIBUNA AGRÍCOLA

AS FORRAGENS na alimentação dos gados

A SERRADELA

Em conclusão da série de considerações que têm sido feitas relativas à consociação da serradela com os pragnosos, centeio e a veia, vamos hoje tratar da parte mais importante da presente questão—o prado de serradela—que é, por assim dizer, a resultante final da referida combinação.

Quando iniciamos estes modestos apontamentos, fizemo-lo principalmente com o propósito de pôr em evidência os bons resultados práticos a que a presente técnica conduz. Mas, diga-se, antes de mais, que ela já não é nova; pratica-se no nosso meio agrícola há muitos anos, há tantos que mesmo que o desejássemos fazer, não nos seria fácil determinar-lhe a data. Também, por razões que não compreendemos, apesar de se tratar de uma forragem antiga, ela não tem tido a repercussão que merece e que até, sob o ponto de vista material e práticos, os seus resultados amplamente justificam.

Embora, conforme já tivemos oportunidade de dizer mais de uma vez, a serradela vai bem, de um modo geral, em todos os tipos de terrenos delgados, isso não significa que os seus resultados finais, qualquer que seja a região onde se situe a seara, sejam exactamente os mesmos de Norte a Sul do País. Evidentemente que se verificam diferenças, o próprio tipo de terreno, as condições climáticas de cada região ou zona, etc., etc., fazem naturalmente sentir os seus efeitos.

Logo, há uma série de factores que a prudência aconselha a tomar em devida conta e de que também nós, apesar de partidários convictos dos prados de serradela, facilmente reconhecemos como tendo larga influência no aspecto prático da presente questão, e, naturalmente, nítidos efeitos na sua divulgação. Posto, portanto, o problema deste modo, isto é, que se aceite a renúncia aos prados de serradela, quer sejam provenientes de sementeira directa, quer resultantes da consociação com os pragnosos, mas apenas para as regiões onde está sobejamente comprovada a sua ineficácia. O que, porém, estamos longe de compreender é a razão ou até, possivelmente, as razões que levam muitos dos nossos proprietários a desinteressarem-se por esta bela forragem, que já deu sobejas provas,

principalmente em quase toda a parte Sul do País.

Não é segredo para ninguém—dos que a têm cultivado, evidentemente—de que se trata de uma forragem com assinaladas vantagens, quer quando aproveitada para seco—«feno»—, quer em verde, e em que todos os gados, especialmente bovinos, muars, ovinos—já falamos também dos rebanhos de porcos—toda a aproveitam da melhor maneira; uns, só em verde, mas, a quase totalidade pega-lhe bem das duas formas. Insistimos, apesar das suas assinaladas vantagens, a cultura vai-se expandindo, mas de uma maneira, que somos torçados a classificar de «excessivamente lenta»...

Como se obtêm prados de serradela a partir da consociação—Para a melhor se poder compreender o sentido prático destes trabalhos contemos exactamente o que se passa no terreno da seara de centeio ou de aveia, mas já no período final da sua maturação. A serradela desenvolve-se por toda a seara e de uma maneira geral cresce apoiada às plantas que lhe ficam visinhas. Apesar do seu desenvolvimento ficar, regra geral, abaixo do cereal respectivo, a sua maturação «semente» verifica-se quase sempre mais cedo do que a daquele. Como se trata de uma leguminosa e como tal de semente deisciente, logo que começa a entrar em maturação, umas vagens por outras começam a abrir e a semente espalha-se naturalmente pelo terreno da seara. Muitas vagens, porém, permanecem fechadas, mas ao mais ligeiro toque abrem-se também, que é o que se verifica por efeito da ceifa, ata do cereal, transporte do mesmo, etc. Todas estas práticas, em resultados dos movimentos a que o cereal é submetido, em particular o da ceifa, fazem com que caia ao solo grande parte da semente, acabando por ficar muito poucas vagens por abrir. Depois da ceifa que nada ficou no terreno da seara além do restolho habitual e para onde se encaminham agora os gados afim de fazerem um período próprio, o completo aproveitamento da pouca pastagem que tenha ficado.

A semente de serradela que se espalhou em maior ou menor percentagem por todo o terreno, da sua quantidade e

AGENDA DO LAVRADOR

NOS CAMPOS—Enterram-se leguminosas tardias (tre-moços, trevo) para adubação, abafando-as com cal ou cinza para maior aproveitamento. Além das beterrabas dos prados para consumo doméstico, semeiam-se em terras planas beterrabas para venda. Prossegue ainda a sementeira de milho, feijão, cevada, cânhamo, linho, e painço. Inicia-se a plantação do arroz. Mondam-se e sacham-se as culturas da quadra, e regam-se quando for necessário. Nitratam-se as plantas atrasadas.

NOS POMARES—Enxertar nogueiras e castanheiros, bem como outras fruteiras (indicadas no mês anterior), com enxertia de coroa, e a olho vivo as plantas de viveiro que se apresentam inais fortes. Nitratar as menos desenvolvidas. Esladroar e despontar, sempre que haja necessidade. Aplicar fungicidas e insecticidas à base de nicotina, piretro, sabão preto. Nos olivais a'acar também os fungos e insectos.

NAS VINHAS—De meados do mês em diante, iniciam-se as sachas da vinha. Nos lugares quentes, onde o mildio mais facilmente se desenvolve, começar ou continuar a sulfatar. Continuar também a enxofração. Para evitar o prejuízo que podem causar as ventanias, ligar os pâmpanos nas enxertias novas, e tirar os renovos ou rebentos supérfluos nas sepas.

NAS HORTAS—Podem em geral semear-se todas as hortaliças indicadas no mês anterior. Devem amudar-se as transplantações, as sachas e as mondas. As regas serão feitas de madrugada, ou ao entardecer. A rega de tarde é preferível. Capar melões, pepinos e tomates. Já se podem colher muitas produções, como morangos, favas, ervilhas, repolhos, alcachofras, rábanos, cebolas, alfaces e espargos.

NOS JARDINS—Ainda podem continuar durante este mês as sementeiras das flores indicadas em Março, e sobre-

PINHEIROS

Cerca de 16 toneladas. Vende-se uma partida, na bouça Penêdo Pinto, a tratar com Augusto Paredes-Garrazêdo.

faculdades germinativas, só podemos ajuizar nas primeiras chuvas Outonais.

tudo goivos, gerânios, nigelas, cinerárias, amarantos, chagas, cólios, begónias, heliantos, calceolárias e gloxinias. As plantas guardadas em estufas devem expor-se ao ar livre. Evite-se o bicho nas roseiras, pulverizando com água salgada as folhas atacadas de bolor branco. Semear cravos que

hão-de ser transplantados em Setembro.

NAS ADEGAS—É necessário vigiar os vinhos envasilhados, pois com a elevação de temperatura podem desperter certos fermentos perniciosos que por acaso existam nos vinhos, devendo transferir-se os que não mereçam confiança. Arejar a adega. Se o calor for apertado, regar o pavimento e o costado das varas, conservando uma temperatura de 12 a 15 graus.

NA CAPOEIRA—As garras e aos pombos deve-se dar sal, ministrado em pães de gesso, que essas aves debicam com prazer. O estrume da capoeira é rico em fertilizantes, sendo bem aproveitado para os jardins.

O IODO NA ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS

O iodo tem uma grande influência sobre o rendimento em leite de todas as fêmeas e até a faculdade de reprodução de todos os animais. Dissolvendo 20 gramas de iodeto de potássio em 4 litros de água e ministrando cada dia uma colher das de sopa e soluto aos carneiros, bodes, cabras e ovelhas, e uma meia colher às coelhas pode aumentar-se-lhes muito a faculdade de reprodução e a lactação; para este último fim, deve dar-se às vacas meio litro de soluto por dia.

É também muito grande a influência do iodo na alimentação das galinhas. A esta não será preciso dar mais do que um miligrama de iodo por cabeça e por dia. (sob a forma de iodeto de potássio) para que logo aumente a sua postura e melhore a textura da casca dos ovos, que se torna mais resistente.

O revestimento das penas nos pintos e frangos, filhos de galinhas que receberam o iodo, é muito rápido e, passadas sete a dez semanas, as penas estão completamente firmadas. O iodo faz prolongar os períodos de postura de todas as aves, diminuindo os de descanso e da muda e faz com que as fêmeas comecem a pôr mais cedo.

Uma outra utilização do iodo consiste na preparação dos ovos iodados, forma julgada pelos médicos como o ideal para o tratamento de todas as doenças causadas por insuficiência de iodo, como, por exemplo, a hipertensão arterial.

O conteúdo em iodo de um ovo de galinha depende da quantidade de iodo ingerido pela ave, quantidade que é tão pequena que só é medida por milionésimos de grama (ou seja, por microgramas).

Na parte comestível do ovo das galinhas alimentadas com ração vulgar, o conteúdo em iodo varia entre 3 a 30 microgramas por ovo, o que quer dizer que serão precisos um milhão de ovos para conterem 30 gramas de iodo. Porém,

se deitar iodeto de potássio na água da bebida das aves, ou se se der a estas, nas rações suplementos em iodo orgânico, o conteúdo normal dos ovos, em iodo, aumentará logo obtendo-se os ovos iodados.

Na Itália produzem-se ovos hiperiodados, contendo até 260.000 microgramas cada um e, nesse país, a sua utilização pela medicina, é corrente.

Da (Vida Agrícola)

Mensagem de Salazar ao Mundo Português

Continuação da 1.ª página

...dade realmente vivida não só nos territórios portugueses, mas nas pessoas que a vida obriga a afastar-se da Pátria e conservar no entanto os laços que os prendem à comunidade de origem. Quanto entenece receber em datas festivas, de homens por vezes isolados no vasto mundo, entre raças diferentes, mergulhados em meios estranhos, o grito de alma que lhes sai das profundezas dos mais íntimos sentimentos: trabalho aqui, sou português, estou com Portugal!

Temos, na verdade, de orgulhar-nos de uma nação, agregado de numerosos povos que tendo-se espraído pelo Mundo e caído do no seu seio cultural e raças, conserva a identidade do seu ser, a linha recta da sua história, e tão grande afectividade entre todos os seus filhos. Esta singela e erimônia exemplifica e corrobora as minhas palavras. Eu desejaria que no regresso todos fossem emissários e portadores fiéis de uma mensagem de saudade e de agradecimento aos que neste dias levaram o peito fazer-se especialmente lembrados.

TRIBUNA do CONCELHO

A Passagem do Adegueiro entre Bouro e Friande

Causou o maior descontentamento nas freguesias de Bouro e de Friande o conhecimento da maneira como vai ser executado o trabalho da Passagem do Adegueiro que liga as duas freguesias.

É que, tal como a obra vai ser feita não virá a ter a utilidade que se esperava, ou até nenhuma. Sendo feita em ponto muito baixo e com uma largura diminuta, por ela não podem passar as pessoas na maior parte do inverno, pois fica submersa com as Águas da Albufeira de Caniçada e nem serve para os carros de bois, devidos às curvas.

A Hidro Eléctrica do Cávado, atenta aos interesses dos povos devia providenciar para que a obra fosse feita no melhor sítio, tornando-a livre das águas e com a largura precisa.

INCÊNDIO

Pelas 24 horas do dia 30 de Abril foram pedidos os socorros dos Bombeiros de Amares para um incêndio de habitação, no lugar da Igreja, freguesia de Prozel, pertencente e habitado por Hernani José de Oliveira.

O sinistro foi provocado por serrim que caiu sobre lenha que se encontrava na cozinha, e daí as chamas propagaram-se ao travejamento do telhado.

Os nossos Bombeiros, com o seu Presidente, sr. Paulo de Macedo, assim como a G.N.R. e o Pároco da freguesia de Prozel, rev. Padre Miranda compareceram, imediatamente, no local do sinistro.

Foram montadas 2 agulhetas numa motobomba, e assim se extinguiu este sinistro, que causou prejuízos no valor de cerca de 6.000\$00, que não estão cobertos pelo seguro.

Agressão à paulada

Foi conduzido ao Hospital de S. Marcos da Cidade de Braga, Porfírio Manuel Lopes, do lugar de Lordelo, freguesia de Bouro, por ter sido agredido à paulada por um indivíduo com quem se pegara de razões. Ficou ferido na cabeça e na anca direita e com o antebraço esquerdo fracturado.

CONCURSO

A Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, faz público que se acha aberto o concurso, pelo espaço de 15 dias a contar da primeira publicação deste, para o lugar de Escrifário do Posto Clínico de Santa Marta de Bouro.

As condições estão à disposição dos interessados na Casa das Ofertas, na Abadia, ou em Bouro na Casa do Secretário.

Bouro, 30 de Abril de 1958.

O Secretário,

António Almeida

DE CALDELAS EDITAL

Estrada de Caldelas a Vila Verde—Ponte Medieval—Placa Escolar—O Tempo e a Agricultura

Caldelas, 26—Desde há muito tempo que se verifica a grande necessidade da reparação de estrada nacional que liga esta importante estância termal à sede do vizinho concelho e comarca de Vila Verde.

O péssimo estado em que se encontra, traz muitas arrelias a quem é forçado a percorrer aqueles 7 quilómetros de estrada cheia de grandes covas, cascalho solto e ainda nos dias de chuva, charcos de água e lama, que obriga ao máximo cuidado para se não danificarem os carros, já não falando nos motociclistas e ciclistas, autênticas vítimas.

Embora se trate de uma artéria de 3.ª classes, devido especialmente a estas Termas e ao centro turístico do Vale do Homem, tem esta estrada um movimento muito considerável que justifica plenamente uma reparação muito cuidada.

—A ponte mediével sobre o rio Homem, que dá ligação a esta Estância Termal, há muito tempo já que se verificou a sua demasiada estreiteza para dar passagem aos novos autocarros que por vezes são forçados a percorrer, no seu desvio, perto de 20 quilómetros, tornando-se portanto urgente a sua adaptação ao movimento actual.

—Na vizinha freguesia de Sequeiros existem junto ao edifício da escola-primária, curvas e contra curvas que justificavam, por absoluta necessidade, placa indistinctiva da respectiva escola, a fim de evitar desastres com as incautas criancinhas da escola.

Lançamos o nosso apelo, a quem de direito, para com urgência, solucionar estes casos.

—Após uma prolongada invernia, com camadas de geada que muito prejudicou as fruteiras, batatais e algumas vinhas, veio o tempo óptimo, estando adiantadas as sementeiras e plantações da época. O vinho verde tem tido grande procura e uma cotação de 2.000\$00 a pipa de 500 litros. Todos os cereais, em especial o milho, tem subido de preço. Oxalá a lavoura tenha agora alguma defeza, já que tão sacrificada tem sido. —C.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Terça-feira—A Sra. D. Luiza Belmira de Araújo Almeida Macedo.

Quinta-feira—A Sra. D. Filomena Rosa Dias Antunes e o Sr. Bernardino Ribeiro.

Sexta-feira—O Sr. Arnaldo Alves Victoriano.

Licenciado Alfredo de Abreu Valença, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares:

Faz saber, nos termos do disposto no artigo 18.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que pelo espaço de 10 dias se acha patente na Secretaria da Câmara, para efeito de reclamação, o recenseamento geral do concelho para a eleição do **Presidente da República e da Assembleia Nacional.**

Da inscrição ou omissão daqueles que hajam requerido a sua inscrição ou devessem ser inscritos oficialmente pode o interessado ou qualquer eleitor recenseado no ano antecedente reclamar até 10 de Maio de 1958, para o Presidente da Câmara Municipal.

A reclamação deve ser assinada pelo reclamante ou por seu procurador, com a assinatura reconhecida por notário, e será logo instruída com os documentos que lhe sirvam de prova, os quais não poderão ser juntos posteriormente.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Secretaria da Câmara Municipal de Amares, 30 de Abril de 1958.

O Chefe da Secretaria da Câmara,
Alfredo de Abreu Valença

Album de coisas várias

(Continuação da 5.ª página)

peessoa que ganha em média de 35 ou 40 escudos diários perante uma vida que se apresenta tão cara e difícil como a presente?

* * *

Os senhores viram o que se deu com a batata. Algumas toneladas dela encontravam-se armazenadas lá para Trá-os-Montes, sem mercado que a absorvesse; depois disseram ou tentaram justificar a razão do deterioramento de enorme quantidade, falando-se na impossibilidade de um escoamento conveniente, como quem diz que foi grande a produção, que tudo ficou cheio de batata, não havendo possibilidade de esgotar o produto. Produziu-se mais do que aquilo que necessitamos para as nossas necessidades: daí resultar tão enorme estraganço! Depois, disse-se que não, que tal estraganço não fora motivado por um elevado excesso de produção, mas sim por uma variadíssima quantidade de qualidades. Eu

Agradecimento

Agostinho César Correia Peixoto vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram de qualquer modo pela sua saúde a quando do internamento no hospital, devido a uma hemorragia provocada pela púrpura.

Agradece em especial aos Ex. mos Clínicos que o trataram e bem assim ao pessoal hospitalar, por todo o serviço e carinho que lhe prestaram.

Agradece também a todos aqueles que o visitaram no seu quarto hospitalar e lhe ofereceram o seu conforto, inclusivamente com telefonemas.

Agradece ainda aos que o visitaram em sua residência, após a vinda do hospital, e àqueles que o não puderam fazer por qualquer motivo, mas comungaram na mesma intenção.

Por se tratar de um dedicado assinante e amigo de Tribuna Livre, associamo-nos também a este agradecimento e muito nos congratulamos pelo completo restabelecimento do Senhor Agostinho César Correia Peixoto.

GENTE NOVA

No passado dia 19 do mês findo, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a Snr. D. Alzira Silva, extremosa esposa do nosso particular amigo e conterrâneo Snr. José Joaquim da Silva, actualmente estabelecido na praça de Lisboa.

Por tal motivo felicitamos o novo lar e endereçamos-lhes os desejos das maiores felicidades.

Novos Assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como assinante, o nosso amigo Sr. João Fernandes Alves, digno motorista da Viação Auto-Motora.

—Também o nosso amigo e conterrâneo, Sr. Armando de Macedo Martins, actualmente ausente no Rio de Janeiro, indica-nos como novo assinante o Snr. António Rodrigues Velloso nosso conterrâneo e residente naquela cidade. Com todo o gosto fizemos estas novas inscrições.

Carrezedo

O adro da Igreja de Carrezedo ficou a merecer dos parquianos sincera admiração pela atitude da Comissão Fabriqueira, fazendo plantação de árvores frutíferas em substituição das tilias que estavam a danificar o muro de vedação.

A Junta de freguesia de Carrezedo aplicou 2.500\$00 no caminho que estava intransitável, no lugar de Além, merecendo esta atitude louvores dos interessados. —C.

Lêde e assinaí

«Tribuna Livre»

HUMORISMO

QUESTAO VINÍCOLA

— Ó amigo ¿ você bebe muito vinho ?

— Não senhor! só bebo em duas ocasiões :

Quando como e quando não como.

ENTRE AMIGOS

—Tu por aqui! Que há de novo?

—Um grande levantamento na cidade, disse o outro.

—O quê? Não consta nada!

—Pois é verdade—continuou o outro. Um grande levantamento! Todos que estavam deitados levantaram-se hoje de manhã...

AGRADECIMENTO

Um sujeito dá cinco tostões a um pobre e pergunta-lhe:

—Em que vais tu gastar isso?

—Eu? Num bilhete postal para lhe agradecer.

BOM TACTO

Ele—Põe aqui a mão sobre o coração e diz-me o que sentes.

Ela—Sinto a carteira cheia de dinheiro.

Joaquim Monteiro (Jorge)

QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA

Com pedido de publicação recebemos o programa das grandiosas festas da queima das fitas, que passamos a transcrever: Coimbra 16 a 21 de Maio de 1958

Programa Geral

Dia 16 (Sexta-feira) Serenata Monumental às 0 horas, na Sé Velha. Inauguração das Exposições de: Artes Plásticas no Salão Nobre da Câmara Municipal de Coimbra; Motivos Académicos no Pavilhão do Parque Dr. Manuel Braga; Reportagens Fotográficas na Sala de Exposições do Turismo. Rally de «Donas Elviras». Tarde Desportiva. Sarau de Gala no Teatro Avenida. Festival no Parque. Noite de Coimbra.

Dia 17 (Sábado) Tarde de Arte no Teatro Avenida. Baile das Faculdades no Liceu D. João III (Trajo a rigor). I Festival Folclórico Nacional e Concurso de Trajos Populares no Parque. Noite de Letras.

Dia 18 (Domingo) Garraia da Figueira da Foz. Festival no Parque. Noite de Direitos.

Dia 19 (Segunda-Feira) Dia do Quintanista. Venda da Pasta. Verbena no Parque de Santa Cruz. Festival da Canção Portuguesa no Parque. Noite de Ciências.

Dia 20 (Terça-Feira) Queima das Fitas Cortejo dos Quartanistas. Festival no Parque. Noite de Medicina.

Dia 21 (Quarta-feira) DIA DO GRELADO: Chá Dançante no Liceu D. João III. Festival no Parque. Noite de Farmácia

TAÇA DE PORTUGAL

Sporting, F. C. do Porto, Benfica e Barreirense, apurados para as meias finais

Efectuou-se no passado domingo, mais uma jornada da «Taça de Portugal» tendo sido afastados da prova definitivamente o Marítimo, Salgueiros, V. Setúbal e Académica.

Os resultados da 2.ª eliminatória da 1/4 de final, foram os seguintes:

Sporting 2-Setúbal 0-1
Porto 1-Marítimo 1-3-1
Académ. 0-Benfica 2-0-1
Barreir. 3-Salgueir. 0-0-1

Já foi efectuado o sorteio para as meias finais, defrontando o F. C. do Porto-Sporting, em Lisboa e o Benfica o Barreirense, no Barreiro.

No final desta eliminatória juntar-se-á dois grupos do Ultramar que este ano participam na «Taça de Portugal».

No próximo domingo não se efectuam jogos em virtude de Portugal se deslocar à Inglaterra para defrontar aquele país em jogo internacional. M. Janela

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

precederam a constituição da Nacionalidade como nos demais períodos de grave crise e incerteza?

Depreende-se que daquela tremenda exprobação ficaram os desta raça mais bravos e indomáveis que os lobos das montanhas sobre que estenderam seus domínios; eram, no entanto, mais simples, piedosos e crentes que as almas das crianças.

—Milagrosa Santa Luzia, tanto não aconteceu!

Mas, certo horror das trevas, em que parece que a falta da vista deu lugar a poderosa alucinação, e se manifesta a distância como fenómeno psico-fisiológico, é o que pode observar-se entre raros elementos desta geração:

Em «Ódio Velho não cança» Rebelo da Silva põe sob os pés do contemplativo conde D. Ordonho, que diz fronteiro de Coimbra, as traves e as pedras esbranzidas do castelo de Santa Olaia, devorado pelas chamas de pavoroso incêndio, em noite tempestuosa que lhe causava entorpecimento e enfado, quando ao mesmo tempo os enormes relâmpagos não fusilavam a espaços.

Como se disse, um «Berredo» ateia o fogo no castelo de Lanhoso e contempla satisfeito e de perto as labaredas vingativas que se evolvem das torres altaneiras, como facho luminoso na escuridão da noite.

E mais recentemente, Rodrigo de Azevedo, de furioso contra o criado preto, torna pasto das chamas o velho solar de seus avós, em S. João de Rei.

—Santa Luzia!

A sua ermida sagrada, uma vez e outra reedificada, mercê da grande devoção que se generalizou e perpetuou, tem, como valor espiritual, sido poupada ao desgaste dos séculos.

O solar que se lhe vinculou merece outra tanta consideração e bom seria levantá-lo das suas lastimosas ruínas, Nas inquirições de D. Afonso II lê-se:

Item dixerunt que Vasconcelos é Onra.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DE VILA VERDE

(Continuação da 6.ª página)

Não apareceu nenhum concorrente pelo que a praça ficou deserta, o que originou a ida do sr. Presidente a Lisboa a tratar deste magno assunto.

Orfeão Misto Vilaverdense

No salão da Sociedade de Educação e Recreio desta vila, realizou-se no dia 27 de Abril, pelas 21,30 horas, a apresentação oficial do Orfeão Misto Vilaverdense, com um variadíssimo repertório, que atraiu àquele salão de festas cerca de 700 pessoas e agradou completamente.

Além dos diversos números de coral cantados pelo orfeão foi representado um acto de variedades, baseado, no Folclore Minhoto em homenagem a um estudante inglês que acompanhava um seu colega português, de visita a seu pai, residente numa aldeia do Minho, que nos deliciou e nos fez lembrar os tempos em que as desfolhadas Minhotas tinham um cunho de beleza há muito arredado do nosso meio.

Foram interpretes desta pequena comédia três compo-

nentes do orfeão: «Toninho, Manécas e Chano» este último fazendo o papel de Jone, com a sua graciosa máquina fotográfica «Marca véla de cêra» e todos eles nos deliciaram com a sua interpretação.

O «trio» irmãos Rodrigues, que executaram as canções «A Luíza e o Trovador» com letra e música do director do orfeão sr. António Augusto Costa, promete, assim como o sexteto infantil, não esquecendo os fados e guitarradas.

Mas, sobretudo, queremos destacar de maneira especial o orfeão Vilaverdense, pelo seu aprumo e coração nos números que executou e momentaneamente o seu director artístico sr. A. Augusto Costa e seu presidente sr. Mário Mendes Galinha, duas vontades hercúleas que se não pouparam a trabalhos de toda a ordem, para

Patronato de Santa Filomena

Privilégios e indulgências para os associados



1.º—Uma missa no Domingo da Oitava da Ascensão.

2.º—Uma missa no dia 11 de Agosto (festa de Santa Filomena).

3.º—Uma missa mensal no dia 10 de cada mês, ou sejam 12 missas todos os anos pelos benfeitores do Patronato.

4.º—Indulgências plenárias:

a) —No dia da inscrição e aniversário da sua admissão.

b) —No Domingo da Oitava da Ascensão (Patrocínio de Santa Filomena).

c) —No dia 25 de Maio (aparecimento do seu corpo).

d) —Nos dias 10 de Janeiro (seu nascimento, e 10 de Agosto, sua gloriosa morte).

e) —No dia 11 de Agosto (sua festa litúrgica).

f) —A hora da morte.

5.º—Indulgências parciais:

a) —Nos três dias que precedem a Ascensão e Domingo dentro da Oitava da Ascensão (Tríduo preparatório).

b) —No dia 2 de Agosto (começo da novena, e durante ela).

c) —Quando fizerem uma boa obra em honra da gloriosa Santa Filomena;

6.º—Existe perfeita união de todos os associados pelos outros, presentes e ausentes, quando em alguma parte, se reza ou comunga em honra de Santa Filomena, agradecendo-lhe suas preciosas graças.

Recebemos mais os seguintes donativos:

Transporte 7.265,00

P. e Albino Salvador—Barcelos—500,00; Francisco de Carvalho—Barrimau—Famalicão—500,00; Custódia Maria da Silva—Caires—100,00; Maria Brejeira—P. noias—Braga—500,00.

A transportar 7.830,00

Virgem Mártir, Celeste Princesa
Terna esposa de Cristo Jesus!
Convertei em jasmim de Pureza
Os Romeiros da Paz e da Luz.

Filomena, luzeiro esplendente
No magnífico Céu virginal!
Glória a Ti, eis o hino que, crente,
A teus pés vem cantar Portugal.

O Secretário

Amores, 21 de Abril de 1958

O Juiz,

Manuel Arantes Rodrigues

O Chefe da Secção,

João Barbosa de Macedo

Bilhetes - Cartas de Angola

XXXIV

Inolvidável Pedro Lucas:

No último bilhete-carta, narrei-te apenas três casos—para não falar em mais—tristemente apontados, no barco, durante a viagem.

E, como também registei, com prazer, muitíssimas e honrosas excepções, hoje, vou falar-te de outros muito consoladores que se não apagam pelo menos redimem, em parte, o tantomal, elevam-nos e dignificam-nos sobremaneira.

E, afinal, deixa-me escrever assim, a lei das compensações morais, e, ai de nós e do mundo se tudo fosse miséria e maldade neste vale de lágrimas.

Divagávamos, eu e o sacerdote missionário, pelo tombadilho superior do navio, depois do jantar. A Lua, alumiada pelas candeias das estrelas, peneirava um luar diáfano que meigamente caía como lençol imenso de póalha cinzenta sobre o oceano buliçoso.

A nosso encontro veio um jovem que suportava alegremente os vinte e quatro anos de idade e, segundo informação sua, pertencia à Guarda-Fiscal de Lisboa, mas pedira transferência para Angola, requerimento esse que lhe foi favoravelmente deferido. Era rico de óptimas qualidades, e o cumprimento dos seus deveres profis-

sionais, cívicos e morais estava para ele, acima de todos e tudo, em uma independência proeminente.

Duriense de origem, descendente de pequenos proprietários e educado religiosamente, era católico praticante. Por isso, pediu, com muito interesse, ao Missionário que nos acompanhava, um catecismo para o lembrar e se fazer acompanhar dele pela vida fora, dizendo: — "Este catecismo será, para mim, o compêndio e a súpula das leis a observar e também há-de servir-me de código de estradas nas encruzilhadas da minha existência, motivos estes porque o quero repetir e saber".

Alguns dias depois, confessou-se e comungou sem respeitos humanos, pedindo ao Céu forças para continuar a ser, sempre e em toda a parte, bom funcionário e bom cristão.

E fiquei a meditar na frase de Isabel Leseur: — "uma alma que se levanta, levanta o mundo".

Oxalá conserve sempre este mesmo entusiasmo, são os meus votos.

Congratulando-me com ele, contigo e com os teus, subscrevo-me ainda com mais outro amplexo.

Boa-Fé, 27 de Abril de 1958.

GONZAGA DA CRUZ

Album de coisas várias

Se me enviassem um teste de carácter social e nele me perguntassem qual a «classe» por quem eu sentia mais pena, eu responderia logo sem pestanejar ou bolir com a *maçã de Adão*: das donas de casa. Sim, era o que eu responderia. E tenho a impressão que teria a meu favor, compartilhando a minha opinião, noventa e nove por cento da população inteira de Portugal.

Tenho pena e dó das donas de casa, maravilhosas presenças angelicais dos nossos lares para quem, hoje mais do que nunca, vai todo o meu afecto, a minha compreensão. Quantos milagres elas fazem para, chegada a hora do almoço ou do jantar, apresentarem ao homem e aos filhos uma refeição condigna! Quantos milagres!

Os senhores que são casados já acompanharam, num dia qualquer, as vossas caras metades ao mercado? Se nunca o fizeram e se desejam avaliar a enorme batalha que vossas patroas têm a travar com a vendedeira da batata, da hortaliça e da cenoura; com o magarefe ou a peixeira, acompanhem num dia qualquer a vossa querida mulherzinha ao mercado. Depois mandem-me um relato do que presenciaram e uma relação, se possível do que foram capazes de adquirir com 50\$00, porque dum coisa estou eu já certo: terão pena e dó de todas as donas de casa!

É uma batalha danada contra a ganância de quem ven-

de. Está tudo pela hora da morte, como sói dizer-se, e se isto continua assim eu não sei onde terminaremos. Aumenta tudo de preço com uma rapidez espantosa. Aqui em Braga a vida está caríssima. Uma dona de casa leva cinquenta paus, vem do mercado depenada e não traz coisa que jeito tenha. Eu chego a

não compreender como se pode especular tanto e com um à vontade que chega a enervar. Os produtos hortícolas, que aparecem em abundância, atingem preços que é de uma pessoa mandar à fava quem os vende. A fruta nem se fala, a fruta que, exceptuando a uva e a banana ou outra qualquer espécie importada, Deus dá como por assim dizer de graça! Uma pessoa não ganha para comer, quanto mais para se vestir ou instruir. O que é que poderá fazer uma

(Continua na 4.a página)

Tribuna Desportiva

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

FASE FINAL

O encontro mais importante da passada jornada disputava-se no campo da Amorosa em Guimarães, em que praticamente se discutia o direito da entrada na 1.ª divisão. O Sporting da Covilhã, vencendo o seu adversário, deve ter assegurada a conquista do título para voltar ao convívio dos grandes.

Enquanto os serranos definiram a sua posição na prova, os Vimaraneses viram aumentadas as responsabilidades, pois, que além de perderem a possibilidade de conquistar o título, têm que lutar com unhas e dentes para ficarem classificados com direito ao jogo de passagem. O seu mais directo adversário neste capítulo é sem dúvida alguma o Atlético. Os alcantarenses, que principiaram

mal, têm melhorado domingo após domingo, estando o 2.º lugar ao seu alcance e até, em melhor posição que o Vitória, se olharmos que este tem de defrontar aquele no estádio da Tapadinha, dependendo no entanto da classificação na altura do jogo a efectuar.

É certo que os dois pontos que os Vimaraneses levam de saldo sobre o antagonista lhes dá uma certa tranquilidade até porque o resultado conseguido em casa na primeira volta não será ultrapassado pelos Alcantarenses no seu ambiente. Irá o 2.º lugar decidir-se pela «goal-avargem»?

Em futebol tudo poderá vir a acontecer, e olhando para o programa dos jogos que ainda

(Continua na 6.a página)

'Folhetim da Tribuna Livre,, 68

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Estás de acordo?

— Como nunca deixarei de estar, pois tu tens a exacta noção do que é útil e indispensável, minha querida Maria Teresa.

— Tens mais alguma coisa a alegar?...

— Não.

Agora vamos marcar o dia do linhar, pois a época já está à porta, a bem dizer.

— Os da quinta do Azeitão já andam com os preparativos.

— Acho que pode ser no dia 8 de Março.

— Também eu.

Trata dos preparativos do campo e não te preocupes com o resto, pois eu me encarregarei do que for necessário, cá em casa.

— Tu não podes, meu amor, preocupares-te com os serviços da casa nesse dia excepcional, como é o do linhar.

— Confia em mim, pois eu posso dirigir todos os trabalhos inerentes à cozinha nesse dia.

— Está bem, mas vou pedir a uma das minhas irmãs para te vir auxiliar.

— Não é preciso, que vem a minha mãe e a minha irmã Suzana.

— Assim, sim!

No dia seis de Março principiaram os trabalhos preliminares para o linhar.

Os criados e criadas, de manhã cedo, de enxadas em punho, limparam os valados, fizeram as beiras, cavaram em volta das árvores, que estão nas margens, e arredondaram os cantos.

No dia seguinte, depois de desfazerem as pilhas, o estrume foi transportado, em quatro carros, e descarregado em montículos, separados uns dos outros a uma distância, aproximada, mais ou menos, de dois metros.

Nas côrtes estavam quatro homens a levantar o estrume e a colocá-lo nas padiolas que eram transportadas, cada uma, para os carros, por dois homens ou mulheres.

Em cima de cada carro estava uma camponesa, de gadinha em punho, a estender e a calçar o estrume.

Cada carro era conduzido para o campo por duas pessoas, a que ia à frente dos bois e a que descarregava, depois, o carro.

Esse serviço era feito em ritmo contínuo, pois os carros, uma vez vasilos, voltaram ao quinteiro para serem, novamente, cheios.

Da parte de tarde, depois da merenda, homens e mulheres, munidos de ancinho e de engaços, voltaram para o campo do «vinagre» e estenderam o estrume pela superfície da terra que ia ser, lavrada no dia seguinte.

O José, que dirigia o trabalho agrícola, verificou que o campo estava bem estrumado e isso constituía a garantia, se não houvesse qualquer contra-tempo, de que a linhaça, a semente, devia germinar bem, tanto mais que era de primeira qualidade e o linho, portanto, havia de se desenvolver vasto e forte.

No dia oito de Março, logo ao romper do dia, tudo estava preparado e em ordem para a lavoura.

O José pegou na rabiça do arado e deu o primeiro rego, passando, depois, a rabiça para as mãos do criado Manuel.

A lavoura decorreu bem e à hora da merenda o campo estava lavrado e agradado.

O caseiro da quinta do Vale mandou cortar um braçado de ramos de arbustos e com eles sinalizou o campo para a sementeira.

De giga debaixo do braço esquerdo, lançou a semente com a mão direita.

Depois de semear o linho, procedeu à sementeira do milho e do feijão.

Tanto o milho como o feijão são de qualidade especial que só se desenvolvem e dão com o linho.

O campo foi dividido em tornas e essas subdivididas em leiras, curjos sulcos foram abertos um pouco mais largos do que é costume nos campos de milho, propriamente dito, a fim de passar o «basculho», que é um atado de trapos que tem por fim a elevar a água a galgar o rego e regar as leiras.

(CONTINUA)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Consta que, em tempos recuados, se juntaram aqui três prelados existentes na Família de Vasconcelos, os quais procederam à sua sagração.

A pequena distância está o cruzeiro privativo de Santa Luzia.

Na fachada da capela, notam-se a descoberto uns ornatos em relêvo, forma—cruz de trevo de quatro folhas, restos da primitiva construção, que foi a «românica», como a do velho e arruinado solar.

Há coisas tão naturais e correntias que até passam despercebidas, quando não entra com elas a tirar partido romanesco, a deformá-las e complicá-las a fantasia da intelectualidade.

Isto de cada indivíduo ou família, cada aldeia, povo ou cidade, mister ou ofício terem um santo seu patrono, um anjo da guarda, é tendência de todos os tempos e de todas as gentes, às vezes das menos crentes.

De modo geral, encontram-se vinculados a um advogado celestial de particular devoção todos os solares da velha fidalguia nortenha e ainda os da tradicional burguesia rural, em suas casas «acapeladas» e cruzes de granito ao alto, entre ameias e guardas, nas portarias francas entrelaçadas de hera e trepadeiras.

Recorda-se aquele caso indigno e violento, que só a brutalidade do tempo explica, o de D. Ordonho, em que se radica a vasta progénie de «Vasconcelos»;

Afonso IV de Leão, sentindo fraca propensão para governar, abdicou a favor de seu irmão Ramiro II e encerrou-se em um convento.

Mas, instigado depois por seus três primos co-irmãos, D. Afonso, D. Ordonho e D. Ramiro, filhos de Fruela II de Oviêdo, saiu a exigir de novo a coroa, pela força das armas.

Ramiro II, tão sanguinário e cruel como cioso do trono, mandou que lhes arrancassem os olhos.

Era então assim, por estes meios brutais, que os homens não hesitavam em afastar do poder, os seus contrários.

Depois, entre outros, os mosteiros de Sahagum e Tordezilhas serviram de retiro forçado a reis, rainhas, príncipes e princesas, quando convinha sepultá-los vivos longe do bulício político do seu tempo.

Em meio da longa e renhida luta, que se travou entre cristãos e mouros para recuperação da Espanha, como se exigia que os soberanos possuíssem os dotes de bravura e ferocidade que os impunha ao respeito e temor de seus inimigos; e só por este modo se explica uma tão arbitrária forma de sucessão dinástica, sujeita à lei da força e da violência, a que a tal respeito às vezes obedecia a posse do trono.

Porém, se é certo que o ocuparam na maior parte monarcas verdadeiramente enérgicos e hábeis para as lides constantes das batalhas, não está fora de dúvida que tais excessos também tiveram as suas graves consequências, e não foi a menor delas chegarem a aliar-se alguns príncipes cristãos com os próprios infieis para destronarem os seus rivais, ou de qualquer modo se sustentarem na cabeça a coroa ameaçada.

O progenitor dos Vasconcelos ficou assinalado para sempre, na história destes acontecimentos, por D. Ordonho—O Cego.

Avalia-se a dor e o desespero dos que, julgando acalentar um sonho de luzimento e esplendores da vida, viram-se no mesmo momento mergulhados nas mais profundas trevas da cegueira e do infortúnio.

Toda uma vitalidade de corpo e alma robustos, de sangue que pulsava em veias arquejantes; de orgulhosos ideais e planos concebidos para grandes feitos—tudo frustrado e compelido à tormentosa situação de um rosto cego, impossibilitado de movimentos seguros, atinados.

Uma neta do seu alçoz, a infanta D. Cristina, veio encher de luz e calor o seu lar constituído; e, vindo a público com os filhos que Deus lhe deu, e eram as pupilas queridas dos olhos que não tinha, guiavam-lhe os passos incertos—era o Cego.

? E não iria a cegueira transmitir-se por herança, funesta ancestralidade, na família de Ordonhos e Osórios de Cabreira e Ribeira, que, estabelecidos em Lanhoso, foram os primeiros repavoadores cristãos destas terras; na vastíssima progénie dos Vasconceli fulmina belli—«raios da guerra», no dizer conciso e breve de um seu biógrafo, e que tão notavelmente se comportaram nos trabalhos que

(Continua na 4.ª página)

Tribuna de VILA VERDE

Acidente mortal

O Sr. Mário Teixeira Alves, casado, de 31 anos de idade, comerciante da ferragens, morador na cidade de Braga, quando na passada quarta-feira dia 23, regressava do Pico de Regalados conduzindo o carro M. T. 26-14, atropelou Lucinda Esteves, casada, de 40 anos de idade, causando-lhe fractura da base do crâneo, das duas pernas e do braço esquerdo. Conduzida ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, pelo próprio motorista, ali compareceram prontamente os Srs. Drs. António Ribeiro Guimarães e António dos Santos Ferreira que lhe prestaram os primeiros socorros, mas nada conseguiram, pois a atropelada veio a falecer dois dias depois.

A G.N.R. tomou conta da ocorrência e segundo a versão corrente, o condutor vinha na sua mão, tendo a vítima, que também seguia na mão, ao voltar-se, para falar a uma sua amiga que seguia em direcção oposta, dado uns passos para a estrada no momento em que o carro passava, tendo obrigado o condutor a uma travagem forçada, mas não podendo evitar o desastre.

O carro está seguro na Companhia Portugal Previdente de Seguros, cujo Delegado em Braga, compareceu prontamente.

Presidente da Câmara

A tratar de assuntos que se relacionam com o concelho e principalmente com a ponte sobre o Rio Homem, de ligação do concelho de Vila Verde ao de Amares, partiu para Lisboa, o sr. António dos Santos Ferreira, presidente do Município.

Ponte sobre o Rio Homem

Na passada sexta feira, dia 25, reuniu a Câmara com o sr. Engenheiro Chefe da Di-

recção dos Serviços de Urbanização de Braga, para se proceder, pela segunda vez, ao concurso da empreitada para a construção da Ponte sobre

o Rio Homem, que ligará o concelho de Vila Verde ao de Amares.

(Continua na 4.ª página)

Tribuna DESPORTIVA

(Continuação da 5.ª página)

faltam efectuar verificamos que um e outro podem vir a escorregar. Aguardemos os jogos do próximo domingo e esperemos que estes nos deparem uma opinião mais admissível sobre a distinção do grupo que caberá aos Salgueiros de frontar para discutir a subida ou permanência na divisão de honra do futebol português.

Os resultados da passada jornada foram os seguintes:

Olhanense 2-Farense 1

No duelo travado entre as equipas algarvias, saiu vencedor o Olhanense que actuou no seu campo e que não deixou fugir a oportunidade. O resultado está certo pois a equipa do Olhão soube explorar melhor as ocasiões de golos que se lhes depararam e foi a que mais ameaçou a baliza adversária.

Atlético 3-Boavista 1

O grupo alcantarense venceu como se esperava o onze xadrezado. O Atlético agora em posição de discutir o 2.º lugar da tabela terá que lutar para que essa possibilidade possa ser concretizada. Mais uma vez a equipa correspondeu ao que se esperava, dominando territorialmente o adversário e ganhando com inteiro merecimento.

Guimarães 1-Jp. Covilhã 2

No campo da Amorosa em Guimarães, disputava-se o jogo do dia e isso justifica plenamente o ter-se deslocado ali numeroso público que encheu completamente aquele parque de jogos. O jogo principiou debaixo de uma toada nervosa por parte de ambas as equipas, mas logo se viu que os serranos se movimentavam melhor no terreno, jogando a bola ren-

te ao solo e com passes rápidos pelo centro do terreno. Até ao intervalo o grupo vimaranense teve mais oportunidades de fazer funcionar o marcador, podendo até ter resolvido o encontro, mas atacou sempre mais pela força do que pelo jeito.

No segundo período, a equipa quebrou completamente, mostrando o desgaste físico, deixando-se manobrar pelo adversário que passou a jogar com mais autoridade, acabando por se mostrar a melhor equipa no terreno. Não há dúvida de que os Covilhanenses se mostraram mais equipa, o que justifica o triunfo alcançado, embora com certa felicidade, pois foi numa altura em que os Vimaraneses não tinham tempo para reagir. Com esta preciosa vitória alcançada em terreno alheio, os serranos continuam invencíveis e praticamente com o título assegurado.

Após esta jornada o classificação ficou assim ordenada:

Classificação	P.
S. C. da Covilhã	12
V. de Guimarães	9
Atlético	7
Farense	5
Olhanense	5
Boavista	4

Para o próximo domingo teremos os seguintes jogos:

Boavista-Guimarães—(0-4)
Olhanense-Atlético—(1-3)
Covilhã-Farense—(0-0)

Dentro de parêntesis, mencionamos os resultados da primeira volta.

M. Janela

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre 91\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre 60\$00
Ano 120\$00

AOS AMARENSES AUSENTES

A cada passo nos chega o agradecimento e a amizade dos nossos conterrâneos ausentes, elogiando o apreciado elo de ligação com a Terra Natal que constitui o nosso Semanário, mas como grande número desconhece ainda a existência de «Tribuna Livre», muito se agradece, aos que já são assinantes, nos enviarem listas dos seus vizinhos, para que possamos estabelecer contacto muito proveitoso. Prestar-se-á assim grande favor a todos e auxílio muito necessário a este mensageiro de Amares.

A todos se pede também a máxima diligência no pagamento das assinaturas, devido ao «déficit», com que ainda se luta, para manter em Amares um semanário da categoria do nosso.